

AS IMAGENS

As imagens significam tudo a princípio. São sólidas. Espaçosas.
Mas os sonhos coagulam, fazem-se forma e desencanto.
Já o céu não há imagem que o fixe. A nuvem vista do
Avião: um vapor que nos tira a vista. O grou, um pássaro, mais
nada

Até o comunismo, a imagem final, sempre refrescada
Porque lavada com sangue tantas vezes, o dia-a-dia
Paga-lhe um salário modesto, sem brilho, cego de suor,
Escombros os grandes poemas, como corpos muito tempo
amados e
Postos de lado agora, no caminho da espécie exigente e finita
Nas entrelinhas lamentos

sobre ossos feliz o carregador de pedra

Porque o belo significa o fim provável dos terrores.

CONVERSA COM HORÁCIO

Metrificador de ocasião o teu verso sob o passo das
coortes

As coortes onde estão? O meu verso entra no segundo
milénio

HORÁCIO

1

O arrivista com ódio ao seu bloco de partida.
Com Bruto no poder é democrata
Morte ao tirano e uma quinta também para mim
Pacifista em Filipos, vai escandindo o terreno.
Depois aprende a lição (ele também), muda
De rumo. *Passemos uma esponja por cima de tudo, Augusto.*
A quinta
Mecenas lha concede por uma menção nas Odes
Oito espelhos no quarto de dormir e nem mais uma palavra sobre
Bruto.
Abre-se-lhe a porta de entrada nas crestomatias
Aere perennius favorito dos filólogos.

2

Roma a puta de sete tetas.
Louvor do comedimento, mãe dos impérios
Engolida pelos filhos a crescer
Com versos perfeitos — para quê, de resto? — , precisa
Do luxo. *Saciado, Horácio canta.* O loureiro
A carne o tempera. Veação da Capadócia!
(E a árvore em flor nos montes Albanos!)
Vinte e três punhaladas, a segunda mortal,
Numa carne epiléptica, o que é isso
Comparado com o peido do Priapo na oitava sátira?

DUAS CARTAS

1

Vejo-te a suar à máquina de escrever
Fabricando versos abusáveis
Sobre a morte por asfixia na rede
Das leis necessárias. Os pedreiros, escreves,
Foram usados como argamassa já
Na construção da Grande Muralha, e continuam
A construir-se grandes muralhas. Nada de novo
Sob o Sol, escreves tu. Não escreves nada de novo.
Aprendeste a interrogar as respostas.
O aplauso que te ensurdece não é uma delas?
Os efeitos rápidos não são os novos.
Um encontro à noite depois da nossa conversa:
Dois republicanos a caminho da cama
Discutem sobre a democracia
PoisissoéaFormamasondeéqueficaoConteúdo?
Contam os anos pelos aumentos de ordenado
Os meses pela saída do *Magazine*
Cada um é um sábio, modelo Keuner
Não há pensamento que não passe pelo estômago
Nem medo das poças de água como em Büchner
Pequenas cabeças, mas têm razão
Quando, lendo os teus versos, dizem:
Que tem, afinal, este Alguém para nos dizer?
Será que não entendeu a importância da reforma agrária?

2

Que pode uma rima contra as cabeças ocas?
Perguntas tu. Nada, dizem alguns. E outros: pouco.

Shakespeare escreveu o *Hamlet*, uma tragédia,
A história de um homem que deitou fora o seu saber
Curvando-se a um costume estúpido.
Não conseguiu acabar com a estupidez.
Não queria escrever mais que um mandato de captura?
Hamlet o dinamarquês príncipe e comida de vermes tropeçando
De buraco em buraco até ao buraco final desanimado
Atrás de si o fantasma que o gerou
Verde como a carne de Ofélia depois de dar à luz
O horizonte a armadura dura mais
E pouco antes de o galo cantar pela terceira vez um louco
Rasga o gibão de guizos do filósofo
E um mastim corpulento enfia a couraça.
Ou então Bertolt Brecht o incompreendido
Com grande persistência e alguma esperança
Também ele mais não podia fazer senão esticar o arco
Quantas cabeças ocas lhe sobreviveram?
Durante toda a vida procurou uma maneira
De não matar o outro. Perto do fim
Tinha-a descortinado de longe
Meio escondida por uma névoa de sangue.
Becher suou muito a construir sonetos
Para que se encontrassem as águas do Volga e do Neckar.
Terão os camponeses do Jura lido
Os Sonetos quando o comunismo
Lhes tirar a terra de cima dos ombros?
A nós resta-nos o espaço que vai do Nada ao Pouco.